

Rituais religiosos e fúnebres na fronteira do Brasil com o Paraguai

Álvaro Banducci Jr. (UFMS)
Isabella Banducci Amizo (GTTur – UFMS)

Uma das principais manifestações da religiosidade popular no Paraguai diz respeito aos rituais ligados à morte, sendo eles bastante elaborados e difundidos por todo o país. Cerimônias fúnebres e datas sagradas, como o Dia dos Mortos e o Dia da Cruz, evidenciam uma postura particular desse povo diante da morte. O período da Semana Santa, por exemplo, compreende uma série de rituais sagrados, decorrentes de crenças e práticas religiosas populares, que mesclam tradições católicas com costumes funerários indígenas, mobilizados com o intuito de homenagear parentes falecidos e, ao mesmo tempo, lamentar, mediante orações e cânticos, o sofrimento de Cristo. As celebrações têm seu ápice na Sexta-feira Santa, com a visita aos cemitérios, e uma figura de destaque nesse contexto são os “estacioneros”, grupos de cantores que têm como função elevar orações e louvores aos mortos, através de seu canto, lembrando o sofrimento da crucificação de Jesus, promovendo a reflexão e materializando a dor da perda entre os que compartilham do ritual.

Tais costumes religiosos são tradicionalmente compartilhados pelos brasileiros residentes na faixa de fronteira entre os dois países, indicando que o intercâmbio entre os povos fronteiriços ocorre não apenas no contexto da economia e da política, como diversos estudos indicam, mas também no âmbito cultural e do sagrado. Diante disso, este trabalho busca aprofundar o conhecimento sobre os rituais relacionados à morte e avançar na compreensão da maneira como tem se estabelecido o diálogo religioso e cultural na fronteira entre Brasil e Paraguai, a partir do registro e da interpretação de práticas fúnebres, com enfoque nos costumes dos “estacioneros”. O estudo, de caráter comparativo, propõe contrapor dados sobre essas manifestações coletados em locais como Asunción e pequenas cidades de seu entorno aos levantamentos realizados na fronteira com o Mato Grosso do Sul, mais precisamente nas cidades de Ponta Porã (BR) / Pedro Juan Caballero (PY) e de Bela Vista (BR) / Bella Vista (PY).

Tendo em vista que o trabalho em questão encontra-se em andamento, o presente texto terá enfoque nos rituais específicos da Semana Santa, os quais encontram-se, hoje, mais amplamente abordados em pesquisa de campo nas diferentes regiões abrangidas pelo estudo.

Rituais da Semana Santa e os estacioneros

A Semana Santa, período de grande significado religioso no mundo católico, tem na Quinta e na Sexta-feira o marco principal de suas celebrações no Paraguai, seja nas manifestações populares, seja nos rituais litúrgicos da Igreja.

A Quinta-feira Santa é um dia dedicado aos preparativos do repasto, sobretudo chipas e sopas paraguaias, que servirão de refeição para o dia seguinte, tendo em vista que neste não se pode acender o fogo ou cozinhar. É ainda um dia dedicado à preparação dos túmulos nos cemitérios para as visitas e celebrações que ocorrerão na Sexta-feira. Os aprestos não implicam grandes reformas ou serviços dispendiosos, mas sim cuidados como limpeza e adorno com flores plásticas, velas e “paños de cruz” (pequenas fitas, de cetim ou crochê, enlaçadas às cruzes que encabeçam as sepulturas), refletindo a atenção dos familiares com seus entes falecidos. É também neste dia que, comumente, se realiza o “recorrido”. Nele, os estacioneros percorrem as ruas da cidade, parando em casas nas quais realizam orações, louvores e cantos, junto às famílias que os recebem. As casas visitadas são aqueles onde se encontram velas acesas ou altares.

Na Sexta-feira Santa, a população se dirige aos cemitérios para reverenciar seus mortos e encontrar-se com os vivos. Ali, algumas famílias promovem, elas próprias, as orações e cantorias, enquanto outras contratam os estacioneros¹ para conduzir os pequenos cultos. Esse é o momento culminante do ritual, quando os cantos e orações possibilitam o “encontro” das famílias com seus entes falecidos. As pessoas rezam, choram, revivem o sofrimento de sua perda particular ao mesmo tempo em que relembram a dor de Cristo, remetendo a uma perda pública, divina. Encerrados os cantos e orações, o cemitério se transforma em palco de encontros e confraternização, transformando o espaço sagrado em um local de descontraída sociabilidade.

Um aspecto importante a se ressaltar, porém, trata da diferença entre os municípios da região de fronteira e a cidade de Asunción e suas cercanias, no que diz respeito à organização dos grupos de estacioneros e sua participação nos rituais da Igreja. Na capital paraguaia, os grupos aparecem com uma formação rigorosa e mais complexa, envolvendo a organização das vozes e a harmonia, o uso de uniformes, compreendendo a participação de vários membros e a detenção do conhecimento de uma série de rituais. A presença desses grupos nas celebrações da

¹ Os grupos de estacioneros podem se constituir de duplas de cantores, sendo homens e mulheres, ou grupos maiores e com aspecto mais organizado, com vestimentas diferenciadas e preparo antecipado para as cerimônias. Essa variação ocorre de acordo com a localidade, sendo mais comum encontrar grupos que seguem a estrutura tradicional em Asunción e seus arredores.

Igreja é intensa, sendo considerada inclusive parte complementar de seus ofícios da Semana Santa.

Nas cidades fronteiriças de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY), e de Bela Vista (BR) e Bella Vista (PY), distantes do centro que concentra a tradição dos estacioneros, os grupos começam a se manifestar de forma diferenciada. Não se vislumbra, nessas localidades, a sua organização original, mas, apesar disso, a tradição permanece e os grupos mantêm-se ativos e consolidados. É até mesmo notória a preocupação, por parte daqueles que coordenam ou lideram os grupos, em não permitir que o costume seja esquecido ou se perca.

A presença dos estacioneros na região de fronteira apresenta-se intimamente relacionada com as práticas religiosas populares. Percorrendo as ruas da cidade, entoando suas orações e ladainhas em frente aos altares das casas, nos cemitérios, cantando junto aos túmulos, são eles os responsáveis não só por rememorar a morte de Cristo, mas também, e, sobretudo isso, servir aos devotos como instrumento de ligação entre o universo dos vivos e o dos mortos. Quanto à postura da Igreja em relação aos estacioneros nessas localidades, pode-se perceber que, ainda que haja um reconhecimento de sua grande devoção católica e de sua importância para a religiosidade paraguaia, a distância que os separa é muito grande, existindo o que se pode considerar como uma espécie de omissão diante dos cultos populares. De acordo com relatos dos próprios padres responsáveis por paróquias das cidades, a Igreja distanciou-se dessa manifestação popular e raras são as iniciativas que visam aproximar os grupos das celebrações por ela promovidas.

Diferentemente da separação que marca a relação entre Igreja e populares na fronteira Brasil-Paraguai, as populações dos dois países compartilham tradições na celebração de seus rituais. É comum, por exemplo, a presença de brasileiros nos cemitérios paraguaios na Sexta-feira Santa, e vice-versa. Há ainda casos em que os grupos de estacioneros se encontram mais organizados no lado brasileiro da fronteira que no paraguaio, como é o caso das cidades de Bela Vista (BR) e Bella Vista (PY). Esse compartilhamento torna-se responsável pelo estabelecimento de um diálogo religioso e cultural entre os dois povos.

No contexto da Semana Santa, portanto, grupos de brasileiros e paraguaios defrontam-se e interagem no campo do sagrado. Os rituais religiosos e a presença dos estacioneros possibilitam, finalmente, entender a fronteira como espaço dinâmico e democrático, de livre circulação e contato intenso entre pessoas e culturas.